

CORPOS TRANS NO FIM DO MUNDO: AS FACES DA VIOLÊNCIA NO ROMANCE *MANHUNT*, DE GRETCHEN FELKER-MARTIN

EDUARDO RAMSON SANES¹; EDUARDO MARKS DE MARQUES²

¹Universidade Federal de Pelotas – eduardosramson@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – eduardo.marks@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

De acordo com CLAYES (2017), o termo distopia começou a se estabelecer como um gênero literário a partir do século XVIII. O autor explica que ao longo de sua história, o gênero distópico funcionou como um veículo para comentários sociais e políticos, criticando os excessos do capitalismo, totalitarismo e outras formas de opressão. Mantendo-se fiel ao cerne de sua proposta, as distopias sempre acompanharam a evolução do mundo, da sociedade e de seus problemas. Apesar de sua perspectiva pessimista, a literatura distópica também instigou os leitores a refletir sobre as consequências de suas ações e pensar em maneiras de construir um futuro melhor.

O presente trabalho refere-se à pesquisa no campo da literatura acerca do livro *Manhunt* (2022), de Gretchen Felker-Martin. Em seu romance de estreia, a autora cria um universo distópico único e que dialoga diretamente com pautas discutidas de forma recorrente na sociedade contemporânea. Na história, o mundo se tornou um cenário pós-apocalíptico depois da eclosão do vírus *T-Rex*, o qual transforma pessoas com altos níveis de testosterona em feras assassinas. O leitor é inserido nesse universo através da perspectiva narrativa de Beth e Fran, duas mulheres transgênero lutando por sobrevivência. No entanto, sua batalha não é apenas contra as novas criaturas que um dia foram os homens, mas também contra a possibilidade de se tornarem uma delas, e principalmente contra as sanguinárias *TERFs* (*Trans-Exclusionary Radical Feminists*), feministas radicais anti-pessoas trans.

Manhunt aborda uma variedade de emoções distintas, todavia, descarrega a maior parte dos seus sentimentos através da violência. Apontado por veículos de imprensa como uma nova adição à lista de melhores livros de terror de todos os tempos, não seria exagero dizer que o romance não é para leitores de estômago fraco. A violência é extrema, o ambiente é grotesco, os personagens são deturpados e as relações são conturbadas. Tudo acerca de *Manhunt* é complexo. Mas afinal, considerando a história que Felker-Martin se propõe a contar, como não seria?

Tomando as diferentes formas de violência presentes no romance como objeto de discussão, esta pesquisa se desenvolve, em um primeiro momento, com base nos textos de CLAYES (2017), TURNER (2008), BUTLER (2018), STONE (2014) e LISOWSKI (2022).

2. METODOLOGIA

No livro *The Body & Society* (2008), o autor Bryan S. Turner discorre acerca das relações entre corpo, sociedade e cultura. Ao longo de sua discussão, ele aponta o fato de que a ordem corporal é um aspecto fundamental do controle social. Além disso, o autor também explica que o corpo é cada vez mais visto

como um local de intervenção política e que os governos estão se envolvendo mais na regulamentação e gestão de práticas corporais. TURNER (2008) sugere que a compreensão desses processos é essencial para entender as maneiras pelas quais a sociedade moderna busca exercer controle sobre indivíduos e populações.

Pensando que vivemos em uma sociedade patriarcal, e unindo esse fato às questões trazidas por TURNER (2008), é possível imaginar a existência de uma hierarquia social de corpos, desenvolvida por aqueles que estão no topo e se recusam a descer. Homens criaram as convenções sociais que marginalizam corpos que se diferenciam dos seus. São eles que fazem as leis, oficiais ou metafóricas, que viabilizam a desmoralização de corpos os quais eles mesmos tornaram invaloração. A violência se estabelece desde o primeiro momento, em forma de segregação, e afeta de maneira mais intensa aqueles posicionados nos últimos lugares dessa classificação, onde geralmente se encontram os corpos transsexuais.

Em “The Girl, the Well, the Ring” (2022), Zefyr Lisowski salienta a ideia de que todos os tipos de monstruosidade estão inadvertidamente interligados. Segundo a autora, o corpo de alguém que sofre por ser diferente se torna um recipiente de violência, posteriormente podendo performar como agente ativo desse ato, gerando assim um efeito cíclico. Ao discorrer acerca das ideias de Monique Wittig, BUTLER (2018) explica que a autora defendia uma apropriação por parte das mulheres da violência tida como inerente aos homens. No entanto, tal movimento não funcionaria como uma inversão de papéis ou internalização das normas masculinas, a violência teria “como alvo a identidade e a coerência da categoria sexual, um construto sem vida, um construto feito para mortificar o corpo.” (BUTLER, 2018, p. 170).

Dessa forma, pode-se perceber que a violência é capaz de se manifestar das mais variadas formas, da subjetividade ao literal, e que, principalmente, ela pode ser acompanhada por uma gama de motivações. O que se sabe é que ela sempre apresentará uma causa, um objetivo, seja ele bom ou mau, plausível ou inaceitável. STONE (2014), por exemplo, aponta a violência como a potencial ferramenta de uma força reconstrutiva, um meio de denunciar injustiças e subverter regras.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao escrever *Manhunt*, Gretchen Felker-Martin utiliza-se da ficção distópica como um canal para expor e ampliar questões que muitos talvez não percebessem no mundo real, mas que sempre estiveram presentes. As ferramentas do gênero terror não funcionam apenas a serviço do gênero em si, também desempenham um importante papel como meio de expressão. Estar preso em um mundo que não quer você lá, mas estar disposto a explorá-lo para seus próprios fins, é uma parte essencial da vida de pessoas trans. Estar a mercê da vontade das pessoas cis de preservar sua existência, independentemente do quanto você lute por isso, é também um cenário bastante próximo da realidade. A transfobia, um dos pilares principais da história, talvez seja algo fácil de ignorar quando não se é afetado por ela, tornando fácil também sua propagação.

A violência provém de todos os lados em *Manhunt*, inclusive da comunidade trans, uma parcela acostumada a ser apenas a vítima. Logo nos primeiros capítulos, entendemos que Beth e Fran, além de representarem presas para os

homens, também atuam como predadoras. Cada homem abatido pelas protagonistas é castrado e tem seus testículos recolhidos, o que posteriormente servirá como alimento para elas. No entanto, a brutalidade performada por Beth e Fran não é apenas uma inversão de papéis dentro de uma piada sombria feita pela autora. As mulheres se alimentam dos testículos dos homens para garantir o controle dos níveis de estrogênio em seu corpo, evitando que elas mesmas se transformem em monstros. Assim, a violência desferida por elas não representa um revide, pelo contrário, é apenas mais uma adaptação das suas garantias de sobrevivência em um mundo em ruínas.

Uma das críticas apontadas por leitores que não aprovaram o romance é a de que sua premissa se sustenta na aniquilação de mulheres cis. Todavia, mais uma vez é preciso dizer: as personagens estão lutando para sobreviver. Essa violência não glorifica agressões contra mulheres cis, principalmente por ela atingir a todos de forma igual, pessoas trans também. Na própria representação das *TERFs* a autora oferece um espaço que se torna até mais humanizador do que precisaria ser. O livro desafia certas convenções feministas ao retratar um mundo pós-apocalíptico não como uma utopia feminina, mas com mulheres exercendo poder de forma exploradora e mantendo antigas hierarquias violentas. Isso pode ser visto como algo controverso, porém, é ao mesmo tempo intrigante e humano.

4. CONCLUSÕES

Sendo um livro publicado pela primeira vez em 2022, os estudos e pesquisas sobre *Manhunt* ainda são poucos, ou quase nenhum. Mesmo não passando despercebido após seu lançamento nos Estados Unidos e causando inquietação entre os leitores, o romance ainda nem foi traduzido e publicado no Brasil.

Embora a representatividade *queer* venha crescendo gradativamente, mesmo dentro da própria comunidade LGBTQ+ ainda há uma hierarquia de representação, onde vozes trans são sempre as últimas a serem ouvidas. *Manhunt* é uma distopia protagonizada por personagens transgênero, com uma história centrada em suas vivências e com base firme na realidade, escrita por uma mulher trans, a qual ecoa em sua voz e em seu texto o anseio de milhares. Em entrevista ao jornal francês *Révolution Permanente*, ao ser questionada sobre o aspecto metafórico de seu livro, a autora respondeu: “É um livro sobre pessoas e todo livro sobre pessoas deve ser pesquisado.” (FELKER-MARTIN, 2022, tradução nossa).¹

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BUTLER, J. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.
- CLAEYS, G. **Dystopia: A Natural History**. New York: Oxford University Press, 2017.
- CHRIST. **The Future Is Bloody: On Gretchen Felker-Martin’s “Manhunt”**. 2022. Disponível em: <<https://lareviewofbooks.org/article/the-future-is-bloody-on-gretchen-felkermartins-manhunt/>>. Acesso em: 21 de agosto de 2023.

¹ No original: “C’est un livre qui parle de personnes et chaque livre qui parle de personnes se doit d’être fouillis.”

FELKER-MARTIN, G. Apocalypse et résistance trans. [Entrevista concedida a] Julian Vile. **Révolution Permanente**. França, 19 nov. 2022. Disponível em: <<https://www.revolutionpermanente.fr/Apocalypse-et-resistance-trans>>. Acesso em: 22 de agosto de 2023.

_____. **Manhunt**. New York: TorNightfire Books, 2022.

LISOWSKI, Z. The girl, the Well, the Ring. *In*: VALLESE, J (Ed.). **It Came from the Closet: Queer Reflections on Horror**. New York: Feminist Press, 2022. p. 50-59.

STONE, S. **The Empire Strikes Back: A Posttranssexual Manifesto**. Advanced Communication Technologies Laboratory (ACTLab), 2014. Disponível em: <<https://sandystone.com/empire-strikes-back.pdf>>. Acesso em: 21 de agosto de 2023.